

imagens do tempo

valdemir pires

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2023

Um caleidoscópio

Do tempo não é possível uma definição do tipo “O tempo é...”, e pronto! Da mitologia à filosofia e desta às ciências (mormente a física e a cosmologia), como formas de interpretar o mundo, as concepções de tempo foram sofrendo mudanças que ainda não cessaram, também influenciadas pelas sugestões das artes e das crenças e religiões. Embora tantas vezes e tão profundamente estudado e apesar da familiaridade (certamente ilusória) com que é tratado por todos, o tempo continua envolvendo uma boa dose de mistério, de saboroso mistério.

Neste livro estão reunidas crônicas em tom ensaístico que devem ser vistas como aqueles pequenos pedaços de papel, em diferentes cores e formatos, no fundo do caleidoscópio: conforme o oco triangular, formado pelas paredes de espelho embutidas num tubo, é girado, nele são refletidas imagens que se alteram em decorrência da mudança de lugar entre os papezinhos, num espetáculo de formas e cores que justifica a fabricação do brinquedo.

Diferentes imagens do tempo (não coincidentes com as habituais) deverão ir se formando na mente do leitor, na medida em que avance na leitura das crônicas, não

importando a ordem que decida seguir. Ao final, terá adquirido uma percepção (nunca uma definição) caleidoscópica do tempo. Nem mitológica, nem filosófica, nem científica, nem artística, nem religiosa – uma percepção que mistura elementos dessas abordagens, deixando de lado a tentação de atingir a verdade, de compreender definitivamente a realidade; nem por isso, porém, se afastando do entendimento do que seja o tempo: pelo contrário, chegando mais perto disso do que se escolhesse uma única trilha para a aproximação desejada.

Como num caleidoscópio, cada olhada (cada leitura) nova deste livro (feito para ser lido e relido, variando a ordem de leitura) proporcionará ao leitor uma imagem (de conjunto) adicional do tempo, na sua busca (consciente ou não) de compreender a vida, que ele sente transcorrer no tempo, num dado espaço, envolvendo certas relações (e não outras), eivada de inquietações, das minúsculas às imensas, conforme a condição e as circunstâncias de cada um e o tamanho de sua alma.

O autor

O que o tempo é?

Em cena do filme *O diabo riu por último* (1953), de John Huston (1906-1987)/Truman Capote (1924-1984), o personagem Julius O'Hara, interpretado por Peter Lorre (1904-1964), questiona-se sobre o que é o tempo, com peculiar graça: “O tempo. O tempo. O que é o tempo? Os suíços fabricam. Os franceses reservam. Os italianos desperdiçam. Os hindus afirmam que ele não existe. E os americanos dizem que é dinheiro.”

Como se nota, à pergunta lançada não é dada resposta satisfatória. Segue-se a ela uma lista de supostas reações de algumas nacionalidades ao tempo. Mesmo no caso americano, em que se diz literalmente o que o tempo é, não se chega a uma definição, propriamente, limitando-se o esforço a uma associação pragmática, questionável por submeter o tempo à reles condição funcional de entesouramento ou acumulação de riqueza.

O que é o tempo, afinal?

Como medida (horas, dias, meses...), sabe-se que é uma simples convenção, não uma substância: o tempo é um procedimento amplamente aceito (porque consistente e útil), inventado pelos astrônomos, para “detectar” a “passagem”

sucessiva e incessante das unidades de tempo previamente definidas e fracionadas. Esta bela convenção, fruto da engenhosidade humana, é concebida a partir do movimento, que ocorre, fisicamente (envolvendo corpos), no espaço. O que o relógio conta é o giro completo (por isso o ponteiro percorre 360 graus) da Terra em torno do seu eixo (“contabilizando” um dia); e o que o calendário acumula são giros do planeta em torno do Sol. Tempo, então, liga-se a movimento (ou evoluções no espaço). Assim, tempo tem a ver com processo, está conectado a algo acontecendo, implica eventos; expressa-se por meio de eventos astronômicos sucessivos, regulares e imutáveis e, portanto, previsíveis. Eventos perceptíveis quando se olha para o céu com atenção e régua.

Foi necessário olhar para o firmamento – e não para a carteira ou para a conta bancária, inexistentes então – para encontrar o tempo, para inventá-lo, mais precisamente, tal como dele se faz uso no dia a dia.

Na prática, contar o tempo consiste em estabelecer coincidências entre certos eventos estelares (posições dos astros no firmamento, enquanto a Terra vaga comportadamente pela Via Láctea) e as ações e acontecimentos na superfície terrestre. Assim, o autor destas linhas nasceu quando a Terra estava prestes a completar (faltavam menos de três meses) a sua volta de número 1.963 em torno do Sol, contada desde o nascimento de Jesus Cristo.

Então, para datar o momento em que foi escrito este texto (ou quando, exatamente, seu autor agiu para trazê-lo à luz) é preciso olhar para o céu (e contar as voltas da Terra

em torno do Sol; e em torno de si, caso se queira conhecer as horas abarcadas pelo acontecimento) e, adicionalmente, lembrar o Filho de Deus.

Isso é o tempo, como unidade de medida que o define: movimento (evolução de corpos no espaço) e, acrescenta-se agora, reverência – ao Criador, por meio de homenagem ao Seu Filho, ao tomar o seu nascimento como ponto inicial da contagem temporal. E há, evidentemente, outras escolhas quanto a este ponto inicial.

O tempo, então, se não tem materialidade, associa-se a ela (corpos em movimento) e se apresenta embebido de espiritualidade (um olhar para o transcendental, como fato ou como crença ou desejo, não importa), não só entre os cristãos. Portanto, ao dirigir o olhar para o relógio, na parede, no pulso, na torre, na mesa, em qualquer lugar, não é em tic-tacs, ponteiros e engrenagens (ou chips), apenas, que se deve pensar, mas numa verdadeira maravilha cósmica e histórica que a Humanidade foi capaz de codificar e inserir profundamente em todas as relações de cada indivíduo com os demais e com o mundo. O tempo é, portanto, manifestação do humano, é uma face da condição humana, inquieta, em busca da sobrevivência e também do transcendental.

O que “dá materialidade” ao tempo (permitindo que seja aquilo que ele é), como já dito, é o espaço. Ele não “é” espaço, mas o espaço é a possibilidade de sua realização. Isso remete à velocidade, que relaciona o tempo ao espaço: quanto tempo transcorre para se sair de um ponto a outro? Claro, isso depende de quão rápido se vá – depende da velocidade.

A velocidade, medição possibilitada pela Física (equação do tempo), considera a rapidez ou duração do movimento tanto do corpo em evolução na superfície do planeta, quanto o movimento do próprio planeta. Se a Terra permanecesse imóvel, a velocidade de um corpo que sai do ponto A e chega ao ponto B em 60 minutos seria apenas igual à distância percorrida no intervalo de uma hora. Mas sabendo-se que a Terra também está permanentemente em movimento, qualquer corpo que se desloca sobre ela terá uma velocidade que precisa considerar este fato. Então, como chegar-se a um tempo-padrão, que sirva de unidade de medida universal, se a velocidade é variável? Dirá Isaac Newton (1643-1727), num esforço para encontrar uma uniformidade para se contar o tempo, para se “acertar” o relógio universal:

Distingue-se, em astronomia, o tempo absoluto do tempo relativo (...). Pois os dias naturais são desiguais embora se os tomem usualmente como medida igual do tempo; e os astrônomos corrigem esta desigualdade a fim de medir os movimentos celestes por um tempo mais exato. É muito possível que não exista movimento perfeitamente igual, que possa servir de medida exata do tempo, pois todos os movimentos podem ser acelerados e retardados, mas o tempo absoluto deve sempre fluir da mesma maneira. (...) A duração ou a perseverança das coisas é, pois, a mesma, quer os movimentos sejam rápidos, quer sejam lentos, e ela seria ainda a mesma coisa quando não houvesse nenhum movimento; assim, é necessário bem distinguir o tempo de suas medidas sensíveis, e é o que se faz pela equação astronômica.

Esta atraente afirmativa, que aceita a existência do “tempo em si”, será objeto de tratamento distinto na mente de Albert Einstein (1879-1955): olhando para o céu e deitando-se sobre os raios de luz, ele determinará a morte do tempo absoluto, com sua teoria da relatividade. Aceita-se, hoje, que o tempo é relativo...

Mas, saiba-se ou não o que ele é, se é absoluto ou relativo, fato é que o tempo parametriza e organiza a existência e as relações humanas. A vida inteligente é compreendida e controlada a partir do fundamento temporal. Todavia, excluída sua definição como unidade de medida a partir do movimento (deslocamento no espaço), dizer exatamente o que é o tempo não é nada fácil ou simples; e tende-se a abandonar o esforço de fazê-lo se não se é obrigado a isso, se não se impõe a ninguém matar esta charada eterna.



Valdemir Pires
pires.valdemir@gmail.com



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em William Text
Pro pela Editora Penalux e impresso em
papel off-white 80 g/m², em julho de 2023.
